

FERNANDES, Maria de Lurdes Correia

Cultura escrita, património documental e espiritualidade monástica feminina (séculos XV-XIX): a «Livraria» do Mosteiro de Santa Maria de Arouca, O. Cister

V. N. Famalicão, Ed. Húmus, 2023. 223 p. ISBN 978-989-755-928

PEDRO VILAS BOAS TAVARES

doi: <https://doi.org/10.34632/lusitaniasacra.2024.17718>Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Portugal
Universidade do Porto, Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, Portugal <https://orcid.org/0000-0001-6716-5625>

1. De agradável toque e manuseio, este escoreito e sólido volume, lançado em inícios de 2024, na pertinente precisão do seu largo título, transporta consigo algumas das – infelizmente – nem sempre frequentes características de obra de benemerência perdurável em favor da cultura portuguesa, mais precisamente pelo alargamento propiciado ao seu conhecimento crítico e científico. Assim o saibam usar e sentir as mãos e olhos do destinatário, nos copiosos dados laboriosamente fixados neste livro (aparentemente tão austero e hirto na sua rigorosa disciplina metodológica) se poderá ver confluír a sempre oxigenante – sempre incompleta, sempre desejável – mescla e intersecção de águas largas e fundas e correntes de superfície, nomeadamente promanadas das áreas de história social, cultural, literária e da espiritualidade. No seu imbricamento explicativo para situar e contextualizar – neste caso – as espécies de uma livraria cisterciense feminina, vai grande mais valia oferecida ao investigador e estudioso da cultura, mas não menos ao especialista da arquivística, da biblioteconomia, dos sistemas de taxonomia dos saberes e formas de história custodial dos objetos patrimoniais móveis, escritos e não escritos.

Com largo *curriculum* neste tipo de trabalhos ao longo da sua carreira académica e de investigação científica, este livro, que supomos muito estimado por razões subjetivas de horizonte «pátrio», ao mesmo tempo que muito sofrido e castigado (como entre outros dados se parece deduzir de alguns agradecimentos nele expressos), parece corroborar – não diremos coroar, pelas novas expectativas legitimamente alimentadas por este mesmo estudo – a reconhecível e frutuosa valia (com expressão individual, grupal e coletiva) de uma das grandes opções pessoais de investigação da sua autora, a relativa à cultura escrita, bibliotecas, livros e leituras.

2. A obra abre com «Presença e vicissitudes da cultura escrita no Mosteiro de Santa Maria de Arouca, O. Cister, na Época Moderna»; um segundo capítulo ocupa-se já, expressamente, da «Livraria» do Mosteiro – diversidade e especificidade das espécies guardadas no mosteiro, significados das presenças e ausências, marcas de posse e uso dos livros que aí ficaram, com outros bens móveis, à guarda da Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda de Arouca (RIRSMA); um terceiro capítulo, final, é já – note-se a seriedade da precisão terminológica – de «Notas finais em modo de conclusão». Seguem-se (p. 85-223) ingentes, criteriosos e benemerentíssimos anexos, a partir de agora ao dispor da comunidade científica: I) Catálogo da «Livraria Monástica» – Impressos à guarda da RIRSMA. Conforme muito oportunamente sublinha a autora, a «grande vantagem desta “livraria” reside no facto de, ao contrário

das que conhecemos apenas por catálogo ou por identificação da proveniência de alguns livros, podermos identificar com rigor os livros, as respetivas edições, os exemplares concretos, o seu estado de conservação, ou mesmo manuseamento, assim como algumas “posses” e “usos” concretos» (p. 45); II) Cópias da correspondência e outros documentos do Cardeal D. Américo, bispo do Porto, relativos ao Mosteiro de Arouca, organizadas cronologicamente (elucidativos dos cuidados estratégicos do ordinário sobre a gestão da vida monástica, “recursos humanos” e bens subsistentes à «lei de exclausuração», no sentido da otimização do seu uso eclesial e da minimização de danos e extravios, frequentemente denunciados nos próprios campos liberal e oficial); III) Cópia do Auto de Posse conferida [pela Fazenda] à Irmandade da Rainha Santa Mafalda dos objetos que lhe foram concedidos por lei de 26 de junho de 1889 (...); IV) Livros e Manuscritos do extinto Mosteiro de Arouca recolhidos na Repartição da Fazenda de Aveiro pela Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos Públicos em 04.04.1894; V) Extrato parcial da cópia feita em 1955 pela Secção de Finanças de Arouca de um inventário existente nessa data na RIRSMA, com identificação dos bens guardados no Museu e fora dele e respetivo valor; VI) Índice de nomes nas «Marcas de posse/uso», nas diferentes obras; e, finalmente (VII e VIII), índice de autores e respetivo número no Catálogo descrito nos anexos I e IV, e índice de nomes do estudo.

Nas notas introdutórias do cap. I faz-se um breve mas abrangente ponto de situação sobre a Ordem de Cister em Portugal na época moderna (e sobre os défices de conhecimento historiográfico que a acompanham), sua institucionalização como congregação autónoma, produção escrita gerada no seu seio e papel desempenhado por Santa Maria de Arouca, como «influência determinante na afirmação do Cister feminino» no país.

O preito de justiça feito à publicação da *Clavis Bibliothecarum* e a outros trabalhos sobre catálogos dados a conhecer, não eximem a autora de reconhecer que «ainda nos faltam estudos sistemáticos e comparativos dos diversos catálogos dos mosteiros cistercienses na Época Moderna» e que estes, «na sua grande maioria», aguardam «estudos específicos». Se o cuidadoso rigor das afirmações da autora é de sublinhar, não menos o é (em tempos de fátuas gloriolas e atitudes de descarada autopromoção) a humildade científica exemplar com que no final deste apartado apresenta e circunscreve o fito do seu labor: «dar mais um contributo para esse desbravar de caminhos de conhecimento mais diversificado da realidade complexa da vida monacal através de novos ou renovados olhares sobre a vida dos livros e das leituras que foram acompanhando a vida deste mosteiro» de Santa Maria de Arouca. No fim da obra, nomeadamente perante tão grande mole de informações documentais seguras, postas em suas mãos, qualquer leitor atento verificará que não é mais um contributo, mas um contributo singular, decisivo, de altíssima qualidade, apontado ao futuro, assim se logrem promover e mobilizar ceifeiros capazes e sacrificados para tão grande e exigente messe, como é a do estudo integrado das bibliotecas monásticas portuguesas.

3. Facilmente se impôs à autora uma natural e espectável constatação: a «diversidade das obras e edições mostra bem que, para as monjas de Arouca, a conjugação da leitura, da oração e do canto – que beneficiou, a partir dos anos 40 do século XVIII, de um imponente e potente órgão – tinha um lugar de destaque no seu quotidiano» (p. 54).

Quanto à «literatura de espiritualidade» no mosteiro, não nos admira que Maria de Lurdes Fernandes o considere «um mundo a conhecer melhor» ainda que parecendo

destacar a “normalidade” da presença de títulos marcados pela sua atualidade impressiva, “ar do tempo” e publicidade epocal, como a *Mystica Ciudad de Dios* da Madre Maria de Jesus Agreda, ou mesmo *La religiosa instruída*, de António Arbiol, ou correspondendo a necessidades práticas monásticas, como as de diretores de espírito e dirigidas, confessores e confessadas, as *Practicas de el Confesionario* de Jaime Corella, ou no domínio da busca da cura e saúde dos corpos, as duas *farmacopeias* assinaladas, correspondendo a uma procura por parte de instituições monásticas masculinas e femininas, indistintamente, sobretudo se com meios para sustentar uma botica.

Na orientação espiritual, ficamos com a sensação de que os padres “diretores de espírito” da primeira metade do século XVIII não queriam correr grandes “riscos místicos”, e por isso continuavam a apostar em sínteses divulgadoras sólidas, consagradas pelo uso e por prudente combinação ascético-mística, como o *Manual de Exercícios Espirituais pera ter oração mental* do jesuíta Tomás de Villacastín ou o *Exercício de Perfeição e Virtudes Cristãs* do seu confrade de roupeta, Afonso Rodrigues. Mas as marcas de posse ou uso pelas monjas, recenseadas pela autora nas obras do mosteiro de Arouca, permitem ir um pouco mais longe e, por exemplo, a aristocrática Maria Isabel Teles de Menezes denota uma relativamente vasta área de investimento de leituras na sua instrução contemplativa. Não são apenas, naturalmente, as obras de Santa Teresa e outros títulos aqui recenseados (p. 69) que visivelmente lhe passaram pelas mãos. É sobretudo, de novo, a presença de vários livros de António Arbiol, e num deles, sobretudo, justamente os *Desengaños Místicos*, o implícito ou expresso desejo de aprender os “caminhos” da Teologia Mística, as aprovadas “vias de perfeição” da tradição mística ocidental, ortodoxamente revisitadas e ensinadas pelos modernos mestres do *recogimiento*, nomeadamente do franciscanismo e da descalcez carmelitana, ao mesmo tempo que – por vezes na mesma obra, como neste último caso sucede – era imperiosa a denúncia das «falsas místicas», sobretudo do quietismo molinosista, e inculcar aos fiéis devotos exercitantes as essenciais destrinças e sinaléticas a ter em conta na caminhada e ascensão «do Monte Sião»; isto num tempo em que, em Portugal, o brado social dos processos inquisitoriais em que bastantes religiosas tinham sido implicadas e castigadas, não ficara esquecido, abalando ainda a tranquilidade de consciência dos espaços monásticos, neste caso evidenciando uma nova procura mística pós-pombalina, já que a referida monja leitora era noviça em 1777 e professou em 1778. Bem culturalmente curioso, no mínimo, que entre as obras recenseadas por Maria de Lurdes Fernandes à conta desta leitora (*ibid.*), estejam obras «que constavam da Pastoral de 14 de Outubro 1741 do Bispo de Coimbra D. Miguel da Anunciação, para uso dos párocos»...

No entanto, como é evidente, os múltiplos e complexos significados da «literatura de espiritualidade» documentável neste mosteiro ou nas estantes de um qualquer outro cenóbio só poderão ser alcançados, bem problematizados, entendidos e situados socialmente no seu contexto epocal – constituindo um mundo melhor conhecido – quando os novos estudiosos do porvir se abalancem decidida e decisivamente à leitura e conhecimento interno das obras aí referidas.